Anno 13 — Rio de Janeiro, 1888. — N.º 495

Revista Illustrada

CORTE
Anno 16$000
Semestre 9$000
Trimestre 5$000

Publicada por Angelo Agostini.
A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas
à Rua de Gonçalves Dias, N.º 50, Sobrado

PROVINCIAS
Anno 20$000
Semestre 11$000
Avulso 1$000

Eleição senatorial de Minas.

— Pobre Cesario Alvim! Ninguem melhor do que eu póde comprehender as torturas de um candidato chronico!

Rio, 28 de Abril de 1888.

A VIDA POLITICA

A eleição do dia 19, foi um facto tão importante, que ainda fez quasi toda a despesa da conversação, durante a semana que hoje finda!

A sancção, dada nas urnas, ao acto da corôa e ás ideias do gabinete foi estrepitante. Ainda assim, porem, ha muito quem considere a situação indecisa e bloqueada.

O que não seria, se o facto do dia 19 não tivesse tido o caracter de um verdadeiro plebiscito?

Sem a generosa e correcta attitude do partido liberal e a ardente intervenção abolicionista; sem o appello a todos os rasgos do patriotismo e sem a grande discussão, que antecedeu o pleito do dia 19, para nós, é mais do que certo, que... era uma vez um ministro.

Sabe-se que o Sr. João Alfredo, já tinha substituto prompto, para occupar um posto, que ameaçava ficar vago.

Elle o declarou e devemos crêr, que um presidente de conselho, tenha bons elementos, para calcular o que se dará em determinada eleição e n'um momento em que a sorte do ministerio esteja em jogo.

Felizmente porem, todos os desfiladeiros e todos os caminhos escusos, por onde se podia ir ter ao coração do ministerio, para feril-o, estavam tão bem guardados, que o inimigo não ousou apresentar-se.

Houve, apenas, uma escaramuça com um grupo republicano, e esta, sem consequencias.

Sentimos e sentiremos sempre, que pertencesse a essa facção politica, embóra lavrada por funda dissidencia, a missão de constituir o fundo do quadro e de dár relevo á offuscante victoria da abolição.

Não vimos, ainda, em politica, um erro mais palmar do que esse, aggravado, demais, pela teimosia, de manietar, em um campo destinado á debandada, um homem como Quintino Bocayuva.

Veja-se o que a este respeito escreve o Dr. Aristides Lobo:

« Ando caipora com as minhas referencias ás cousas republicanas.

Os *sabios* do meu partido dizem por ahi que escrevi não sei o que contra a candidatura do sr. Bocayuva.

Provavelmente é porque, combatendo o argumento maximo dos abolicionistas ministeriaes, eu concordei em que, na verdade, era provavel que a candidatura republicana arrebatasse votos esclavagistas despeitados.

Mas, além de ser isso um facto presumivel, ser a verdade e a verdade exige que se a confesse, só papalvos podem crêr que isso influa no animo dos *raros transeuntes* da imprensa que me leram para arredal-os do sr. Bocayuva.

O partido ou o individuo que pretendesse, em occasiões e emergencias semilhantes, puros votos de consciencia, seria um tolo.

A verdade é que cada partido, e mormente o republicano, vota e deve votar no seu candidato sem se preoccupar com os tributarios estranhos, cujo concurso ninguem póde impedir.

Mas, não; os taes *susceptiveis* ou *nervosos* entendem que essas cousas não se dizem e que se pode captar a vontade e a convicção alheia, dizendo-lhe sómente — vote, vote.»

Já o temos dito mais de uma vez: ha occasiões, taes como as de guerra, de conflagrações publicas e de reformas humanitarias, em que os partidos nada teem que explorar. Só o patriotismo é invocado e tudo o mais torna-se inopportuno ou suspeito.

N'um paiz, então, aonde os partidos valem-se pela capitulação das ideias diante dos interesses, essa intervenção era muito mal vista.

O momento era da dignidade nacional e da sorte dos escravos.

A essas duas intimações sagradas, tudo tinha por dever curvar-se e abrir alas.

Peior, para os que o não fizeram!

Julio Verim

Academia das Bellas Artes

(Conclusão)

Aconteceu, porém, que em principios de Março p. p. quando deviam começar os trabalhos da aula de Paizagem, fiquei sorprehendido ao saber que o horario da referida aula complicava com o da de pintura-historica, com o da de Dezenho-figurado, e ainda com o da de estatuaria, e, recebendo uma lista, assignada pelo Secretario da Academia dos 18 alumnos matriculados na aula de Paizagem, verifiquei que estes alumnos estavam alguns matriculados na de pintura-historica e os mais na de desenho figurado.

Não sendo porém official a communicação relativa ao horario, pedi por officio de 15 de Março p. p., dirigido ao mesmo Secretario, que me inteirasse a respeito e muito para meu governo.

O Secretario da Academia, respondendo promptamente, remetteu-me uma copia da — Tabella — official do horario, declarando ter sido ella organisada pela congregação na referida sessão de 18 de Fevereiro e approvada pelo Governo em 23 do mesmo mez.

No dia 19 de Março assumindo interinamente a Directoria da Academia o Vice-Director e tendo S. Exª. conhecimento desta questão, convidou-me, pessoalmente, para conferenciar sobre o assumpto, concordando S. Exª. com as razões expostas por mim e promettendo tratar da rectificação do horario.

Entretanto, não tendo até o dia 2 do corrente, recebido de S. Exª. communicação alguma a esse respeito, officiei nessa data, declarando que os alumnos da aula de Paizagem (que é uma das superiores da Academia) já se achavam prejudicados em um mez de estudo, e que a bem do progresso d'elles e como salvaguarda da responsabilidade do professor, pedia que S. Exª. se dignasse de resolver a questão.

Em data de 6, porem, ainda não se tendo resolvido coisa alguma, dirigi-me a S. Exª. o Sr. Conselheiro Ministro do Imperio e apresentei-lhe minha representação, pedindo-lhe que com toda a justiça se dignasse dar as devidos providencias, afim de que não fôssem, por mais tempo, prejudicados no estudo os alumnos da aula de Paizagem.

S. Exª. o Sr. Ministro prometteu providenciar, nesse mesmo dia.

No dia 7 houve uma sessão na Academia, á qual não pude comparecer, e, em data de 13 baixou do ministerio do Imperio um aviso, n'estes termos:

« Approvou-se o acto pelo qual a congregação da Academia das Bellas-Artes, *á vista do pedido do professor interino de paisagem*, para que fosse alterado o horario das aulas, na parte relativa á Cadeira que rege, resolveu que o respectivo estudo se faça fóra da Academia, ao ár livre, de manhã ou á tarde, conforme a estação, devendo todavia o dito professor comparecer ao estabelecimento ás segundas quartas e sextas-feiras, das 8 ás 9 horas da manhã.»

Em data de 14, recebi da Academia um officio, communicando-me este aviso, mas occultando a circunstancia de ser a alteração feita a meu pedido, em bem unicamente do ensino e do progresso dos alumnos, embóra mais incommoda para mim.

Eis, Sr. redactor, tudo quanto me cumpre expôr, afim de justificar a demora havida no inicio dos trabalhos da aula de paisagem, assumindo eu a responsabilidade do que tenho dito, e garantindo a veracidade dos factos allegados, que, todos, posso justificar com os documentos que ficam em meu poder. Soccorrendo-me da valiosa protecção da imprensa, só tenho em vista tornar saliente a causa dos prejuizos causados aos alumnos e precaver-me da censura, qualquer que ella seja, em relação ao tempo perdido de estudo.

Contra tal irregularidade e em bem do progresso dos alumnos, fiz tudo quanto me era licito, não me cabendo a minima parte de responsabilidade, pelas delongas havidas em resolver uma questão tão simples, como essa, da incompatibilidade do horario, cujos inconvenientes, muito

antes de começarem as aulas, procurei remediar.

Digne-se, pois, V. aceitar esta minha defesa em tempo, e creia, que, com sinceridade lhe antecipo os mais cordeaes agradecimentos, subscrevendo-me de V. etc.

J. ZEFERINO DA COSTA.

Rio, 19 de Abril de 1888.

Conselheiro Ferreira Vianna

NTÃO estas manifestações não teem fim ? Mas senhores, isto já não é mais homenagem, isto não é testemunho de apreço, isto não é prova de consideração, isto vae muito alem !...

— Como assim ? O que quer dizer ? Não approva ?

— Pois não ! Approvo e muito, mas acho que a coisa já vae passando os limites do rasoavel.

— Não ha tal ! Está na proporção dos serviços.

—Mas, isto toca as raias da consagração. Os Srs. estão fazendo do Sr. Ferreira Vianna — um Deus.

— Qual, o que ! Os inimigos d'elle é que dizem isso.

— Bom ! concordo que não façam d'elle um Deus, mas um semi-Deus... Esta, é que é a verdade.

— A culpa não é nossa.

— Pois não são os Srs. que cahem em adoração ?

— Os factos é que nos levam a isso ! Onde se viu, já, um ministro assim ? E' o zelo dos antigos levitas. E' a vida dedicada ao bem. E' um movimento continuo, em prol do fraco, do opprimido, do desgraçado.

— Bom ! vamos por partes...

— Não viu o senhor como até aqui o facto de se ser desvalido era uma rasão para ser perseguido ? Não viu esses 300 mendigos, em promiscuidade com creanças de oito ou dez annos ? Não viu os horrores da casa de detenção ? Tudo isso fermentava, ao abandono, dentro das espessas paredes dos carceres, velado ás vistas compassivas do publico ? Este ministro, tem a bóssa da caridade. E' attrahido para a desgraça, como a agulha magnetica para o pólo. O Sr. está frio e indifferente, por que o não acompanhou n'essa lacrimosa perigrinação pelos azylos e pelas prisões. Não viu a desgraça orvalhando-lhe de lagrimas as mãos, que beijava. Não viu as creanças abandonadas, agarrando-se-lhe aos joelhos. O Sr. não viu nada ! Não póde fallar !...

— Pois estava julgando que a coisa já era de mais.

— Não diga isso !

— Bom ! já aqui não está quem fallou. Não ha mais questão.

De facto, reflectindo-se, um pouco, no que tem feito o Sr. Ferreira Vianna em um mez e tanto do seu ministerio, terá de reconhecer-se, que elle fez jús a esse enthusiasmo transbordante, que os seus bellos actos teem causado.

Póde-se dizer que a miseria a desgraça, o abandono de Deus e dos homens, o soffrimento dos velhos e das creanças, lhe inspiraram um apostolado sublime, aonde elle tem gasto as suas horas de descanço.

E', realmente, nos lugares barbarisados, que os sentimentos christãos mais brilham!

Entre nós, apezar de todas as apparencias, de toda a bondade do povo, não ha negar, que as prisões e os azylos (salvos raras excepções) são antros medonhos, aonde não se póde entrar sem chorar.

O ministro, pois, que vae ás infimas classes sociaes, aonde a miseria, o frio e a fome se fazem sentir, levar consolo e providencias, está, de facto, fazendo concurrencia á divindade, mas uma concurrencia insuspeita, porque esses infelizes nada lhe podem dar.

E' a vocação dos levitas, nos tempos heroicos do christianismo, quando a fé incendiava as almas, e que as missões de perigo eram as mais disputadas.

Não se póde ser insensivel a esse acrisolado zelo pela sorte dos que não teem paes, nem parentes nem amigos, dos que estão sós no mundo, sob a tutella do estado, que tanto se tem esquecido d'elles.

O povo fluminense, commovido, arrebatado, pelos actos do novo ministro da justiça, tem-lhe feito as mais extraordinarias ovações, que se teem visto, aqui na côrte.

Elle as merece.

Juntamos, pois, a nossa voz ás das 6000 pessoas, que na terça-feira ultima, em frente á sua residedcia, o victoriavam com phrenesi.

SEM TITULO

De certo, eu poderia
A essa mortal paixão
E atroz melancolia
Sobrepôr um nariz de papelão.

E rindo e cachinando,
Excentrico jogral,
Acompanhar o bando
De mascarados d'este carnaval.

E as jovens damas bellas,
Seguindo, em sanha alvar,
O gordo braço d'ellas
Escandalosamente beliscar.

A's multidões, nas ruas,
Declamar com vigor
E, com chacotas nuas
A gente séria atarantada pôr.

Pôr o mal, que se embebe
Nos proceres, ao sol
Offerecendo á plebe
Com acrimonia, um frasco de phenol.

Provocar a quem passa
Só para me divertir,
E aos logistas, por graça,
Taboletas trocar, vidros partir

Sem medo, a honestidade
Affrontar ; e em tropel
Pôr tudo na cidade
Levantando uma torre de Babel.

E, sem ousar tocar-me,
Indifferente, até,
Timorato um gendarme,
Em cada esquina vêr, quedo, de pé ;

(Porque a policia austera,
Não se atreve a fazer
O que talvez fizera,
Se eu fosse um fraco e inoffensivo ser.)

Da burguesia os risos
Incitar sobre mim,
Ao tilintar dos guizos
Presos ás minhas roupas de Arlequim.

Ser como um ébrio, um louco,
Um clown... Sinto, porem,
Que o meu solluço rouco,
Por entre as chufas se distingue bem.

Minhas lagrimas rolam ;
E as lagrimas, mulher,
O papelão descollam
Da mascara risonha, que eu trouxer.

RAYMUNDO CORREIA

CONTOS TRANSPARENTES

BABYLONIA

(*Continua*)

O formigueiro estava em plena anarchia

Demos a palavra ao sabio Michelet, que, melhor do que nós, poderá referir o que alli se passava, poupando-nos as descomposturas, por descrevermos um quadro ultra naturalista.

Diz o sabio :

« A scena mais surprehendente, a que se possa jamais assistir, é um casamento de formigas.

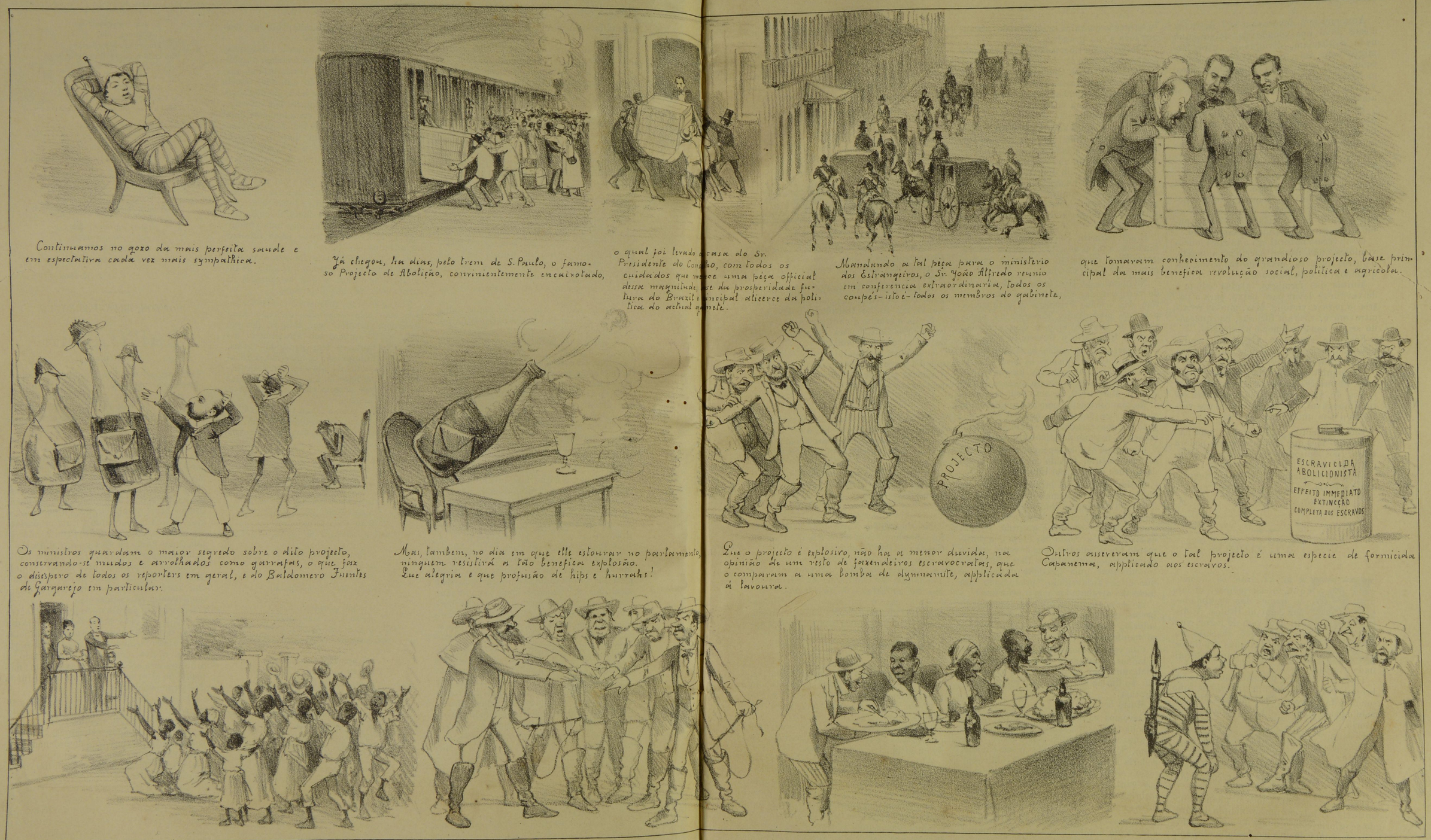
As loucuras, como se sabe, mais loucas, são as dos sabios. A honesta, a economica, a respeitavel republica, dá, então, (um só dia, é verdade, por anno !) um prodigioso espectaculo, de amor ? de furia ? não se sabe, mas cheio de vertigem, e digamos a palavra, cheio de terror. O Sr. Huber n'elle encontrou o aspecto de uma festa nacional. Que festa e que scena de embriaguez ! Mas, não! Nada de humano dá ideia d'esta tempestuosa effervescencia.

Observei-a, um dia de tempestade, entre as seis e as sete horas da tarde. O dia tinha sido todo caracterisado por lufadas e por uma claridade quente. O horisonte estava muito carregado, e comtudo a athmosphera era calma. Havia, um momento de alta, na natureza, antes da quéda das grandes chuvas.

De uma beirada, baixa e obliqua, eu vi, cahir de um mesmo jacto, um completo diluvio de insectos alados, estonteados, agitados semi-loucos, delirantes. Contar a sua agitação, os seus vôos desordenados as, suas viravoltas, os seus choques, para attingirem mais depressa o seu fim, seria cousa impossive !.

Muitas, se fixaram e amaram. O maior numero voltejava, e movia-se sem cessar. Todas, tinham tanta pressa de viver, que isso mesmo lhes servia de obstaculo. Este desejo febricitante causava mêdo.

Terrivel idyllio ! Ninguem poderia, em consciencia, dizer o que ellas queriam.



Continuamos no gozo da mais perfeita saude e em espectativa cada vez mais sympathica.

Já chegou, ha dias, pelo trem de S. Paulo, o famoso Projecto de Abolição, convinientemente encaixotado, o qual foi levado a casa do Sr. Presidente do Conselho, com todos os cuidados que merece uma peça official dessa magnitude, que da prosperidade futura do Brazil é principal alicerce da politica do actual gabinete.

Mandando a tal peça para o ministerio dos Estrangeiros, o Sr. João Alfredo reuniu em conferencia extraordinaria, todos os compés – isto é – todos os membros do gabinete, que tomaram conhecimento do grandioso projecto, base principal da mais benefica revolução social, politica e agricola.

Os ministros guardam o maior segredo sobre o dito projecto, conservando-se mudos e arrolhados como garrafas, o que faz o despero de todos os reporters em geral, e do Baldomero Fuentes de Gargarejo em particular.

Mas, tambem, no dia em que elle estourar no parlamento, ninguem resistirá a tão benefica explosão. Que alegria e que profusão de hips e hurrahs!

Que o projecto é explosivo, não ha a menor duvida, na opinião de um resto de fazendeiros escravocratas, que o comparam a uma bomba de dynamite, applicada á lavoura.

Outros asseveram que o tal projecto é uma especie de formicida Cabanema, applicado aos escravos.

A abolição, felizmente, vai colhendo os melhores resultados! São innumeras as libertações em massa, que, diariamente, honram os fazendeiros que as concedem.

Alguns, porém, mostram-se mais renitentes. Os lavradores da Serraria, cerrando os ouvidos aos gritos de liberdade, que echoam de toda a parte, declararam e juram "sustentar o elemento-servil!"

Se fôr a perú e a vinho do Porto terão o nosso apoio.

– Que grandes pandegos os taes fazendeiros da Serraria!

Amavam-se? devoravam-se? A travez d'este povo apaixonado de noivos, que nada conheciam, divagavam outras formigas sem azas, que se atiravam, sobretudo, aos que pareciam mais embaraçados, mordiam-n'os, puxavam-n'os com tanta vontade, que julgamos vel-as devorar os amantes. Mas, não.

Ellas queriam, tão sómente, fazerem-se obedecer e chamal-os a si e á realidade da situação, Sua viva pantomima era o conselho da sabedoria posto em acção. As formigas sem azas eram as sabias amas seccas, que, não tendo filhos, creavam os dos outros, e sobre quem recáe todo o peso do trabalho, da cidade.

Estas virgens, superintendiam os amorosos e os preguiçosos e inspeccionavam seseramente as nupcias, como o acto publico, que, todos os annos, refaz o povo.

O seu receio natural era que estes loucos voadores, não fossem sacrificar ao amor, n'outros lugares, crear outros povos, esquecidos da mãe patria.

Muitas das formigas, aladas cediam e deixavam-se levar para baixo, para a patria e para a virtude. Mas, muitas recalcitravam e, voavam furiosas, não querendo seguir senão o amor e o capricho.

Foi uma espantosa visão, um sonho phantastico d'esses que não mais se riam da memoria.

De manhã, nada havia que fisesse lembrar os furores da vespera, salvos os destroços de azas arrancadas, nas quaes seria impossivel, descodrir os minimos vestigios d'esta unica noite de amor. »

Effectivamente pela manhã, uma formiga das taes que nenhuma parte podéra tomar nos episodios da vespera, expandia o seu mau humor, exclamando:

— Ora, felizmente! Reina a ordem... em Varsovia!

(*Continua.*)

J. V.

Os Friburgos

EM REGRA, são os homens que, quasi sempre, tomam os nomes das localidades, por meio de titulos. A distincção, vem do logar, vem da população, das suas glorias ou das suas tradições, engrinaldar uma determinada pessôa.

Entende-se que o nome da povoação subrepuja tanto o de um individuo, que sendo este ás vezes, por demais illustre, cede o passo ao nome de uma parte do territorio.

E' sempre a eterna sagração da terra, da mãe fecunda e prodiga, que tudo gera e produz.

Sem o querer, por esse sentimento inato no povo, o homem mostra-se reconhecido a quem tudo lhe dá.

D'esta vez, porém, temos o phenomeno contrario. É talvez um municipio inteiro que se gloría com o nome de um homem, ou antes, com o de dois irmãos, que acabam de tomar na historia patria um lugar avultante. Todos conhecem o facto, e a imaginação desvaira-se, querendo abranger toda a sua grandeza.

Nos fastos da libertação não ha cousa de tanta magnitude!

O visconde de S. Clemente e o barão de Nova Friburgo, acabam de libertar, incondicionalmente, 1909 escravos, quer dizer a população de uma villa ou talvez de uma pequena cidade.

Por um simples acto de vontade d'esses benemeritos, o Brazil adquire, de repente, a pósse de 1909 cidadãos, que vão entrar na vida commum, que vão produzir e consummir, de hoje em diante, porque o escravo, por mais excepcional que seja o seu regimen, é sempre uma victima, só produz pelo terror e nada consomme. Maior torpedo não foi inventado, ainda, contra a civilisação!

É um parasita contra vontade, revoltando-se, a todas as horas, contra a sua degradação e chegando ás vezes a matar, para sahir d'esse estado.

Na historia da libertação do Brazil, ha de certo paginas offuscantes. O acto, porém, dos irmãos Friburgos é estupendo, pela sua magnitude. Pense-se no algarismo de 1909, evoque-se essa multidão de entes humanos, e ficar-se-ha attonito.

De certo são grandes benemeritos, os que, por exemplo, como os viscondes da Silva Figueira, libertaram, ha quatro annos, grupos de escravos em numero de 200 ou 300. Mas, 1909, de uma vez, sem condição, sem contracto, como por um baptismo ou uma benção, isto, é novo, é pasmoso, grava-se nos corações e reverte em gloria immensa, a quem practicou tal acto!

Em scena tão excepcional, tudo devia ser igualmente, fóra do commum e longe de alcance da previsão humana.

Assim, dado esse jubileu, saciada de chofre a esperança mais enlouquecedôra d'esses 1909 entes humanos, verifica-se que elles ficam calmos, sem essa embriaguez que a liberdade e a multidão sempre causam, com a razão tão clara e o sentimento tão nitido dos seus deveres, que o primeiro momento que se lhes offerece de testemunhar uma gratidão profunda, é por elles aproveitado, produzindo um facto tão arrebatador com o primeiro!

Ao ser communicado, a essa legião de libertos, que desde esse dia venceriam um salario, um movimento geral e accórde se manifestou n'elles.

Com verdadeira sublimidade, esses novos cidadãos, recusam o salario promettido e declaram que continuarão a trabalhar até ao fim da colheita, sem remuneração alguma.

Muito bem!

Devemos confiar no futuro do Brazil, pois ha tempos, passam-se aqui factos, que os annaes de nenhum outro povo registram. Só a amenidade da nossa indole, poderia fazer com que a escravidão expirasse asphyxiada sob flores, enlevada nos canticos do amor e do trabalho, e embriagada pelos perfumes de uma natureza em flôr.

Os nossos collegas do *Paiz* registrando o facto da familia Friburgo, exclamam: *Hosana*!

Nenhuma palavra pode condensar melhor a impressão de tão memoravel acontecimento!

Hosana! exclamamos, nós, tambem, balbuciando uma prece como as creanças que não sabem rezar mas cujos labios movem-se n'um mysterioso cicío, que Deus comprehende e que o deve desvanecer.

S. Marcial

Tivemos, sabbado ultimo, no *Recreio Dramatico*, mais uma peça nova e esta original do conhecido escriptor Arthur Azevedo.

A *Almanjarra* é o que se pode chamar uma boa comedia, mantendo-se, strictamente, nos limites traçados á bôa arte,

N'ella o talento do autor e a sua vocação para os trabalhos da scena, se revelam de um modo acentuado.

O publico applaudio e com elle nós, que d'aqui temos que agradecer ao auctor o amavel convite que nos enviou, para representação do seu bonito trabalho.

***

Continuam as corridas de touros no *Polytheama* a attrahirem bastante concurrencia e a offerecerem aos amadores do genero espectaculos muito divertidos e animados.

O Pontes deve estar satisfeito.

Não lhe tem faltado applausos nem enchentes.

***

No theatro das Variedades (ex-Phenix) foi, ante-hontem, á scena o bello drama *A Cabana de Pae Thomaz*.

Esse drama, que tem toda a actualidade, na presente occasião, offereceu ensejo á companhia de Guilherme da Silveira, de mostrar os recursos de que dispõe.

Tudo correu perfeitamente, sobresahindo os diversos actores em seus papeis, merecendo do publico os mais francos applausos.

Felicitamol-os.

***

Muito sérias têm sido as providencias, dadas pelo governo, para garantia do publico, nos diversos theatros d'esta côrte.

D'esta vez, o negocio não ficou em officios.

Examinados os theatros, os engenheiros propuzeram certas obras e os proprietarios foram intimados a realisal-as.

Alguns theatros como o *Pedro II*, o *Recreio*, o *Lucinda* estão em bôas condições e com as obras em execução ficarão de modo a garantirem a vida do publico.

Ha, porém, algumas queixas, quanto á brevidade dos prazos para as obras, mas, estamos certos que o governo as attenderá no que puder, sem, todavia, comprometter a segurança e a vida da população.

Desde o incendio do theatro Baquet, que o publico se mostra muito impressionado, nos theatros. E' preciso tranquillisal-o, e é o que o governo está fazendo.

Binoculo.

Jogos & Diversões

O Vasques não é só um actor! Quando lhe dá para escrever, é escriptor e quando lhe dá para advinhações, é, até, charadista.

Ora, ha dias, dando-nos o prazer de sua visita, para avisar-nos de que o seu beneficio se realisaria na proxima terça feira, 1 de maio, disse-nos elle:

— Tenho-me entretido com os seus problemas e jogos enigmaticos e até tenho arranjado alguns...

— Sim? dissemos-lhe logo; pois deite para cá alguns.

— Então, veja lá se advinha...

— Diga!

Elle, então, tomando uns ares solemnes, assim fallou:

Quando é que os dois sinos grandes da Capella Imperial valem por quatro?

Pendemos a fronte calcinada sobre a mão, demos tratos á bolla e... nada. Aqui o confessamos, em publico e razo: não fomos capazes de adivinhar.

— Pois, então, disse o Vasques, proponha essa pergunta aos seus leitores.

— Apoiado. E' já no proximo numero e para abrir o appetite, vou addicionar-lhe um premio — o romance do Julio Verne — *Da terra á lua*, com bonitas gravuras e uma encadernação chic.

O premio pertencerá, pois á melhor decifração EM VERSO, que nos fôr apresentada, até quinta feira.

— Então, *au revoir*, disse o Vasques.

— O mais tardar, até terça feira.

— Conto com isso!

— Tinha graça, se eu deixava passar uma festa como a do seu beneficio, sem lá ir!

— Obrigado!

— Não tem de quê. D'esta vez o dia do beneficio não será vespera da ingratidão.

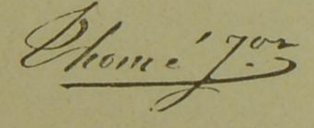
— Até lá!

— E que bôa noitada ha de ser? Hein?

— Hei de fazer o possivel para isso...

— Terça-feira, ás 8 horas da noite no Sant'Anna. Não me esquece! E hei de vêr se já levo a pergunta respondida.

Façam os leitores o mesmo e não se arrependerão.



Livro da porta

Por intermedio do Sr. José de Mello, representante da casa editora de David Corazzi, de Lisboa, recebemos as seguintes publicações:

As Farpas, magnifica edição dos escriptos de Ramalho Ortigão, reproduzidos da obra do mesmo titulo, publicada, ha annos, em Lisboa e completamente esgotada.

Como se sabe, deve-se a Ramalho uma renovação no estylo de quasi todos os escriptores portuguezes, o que prova que o iniciador d'essa reforma é um escriptor de cunho, um chefe litterario, a cujos modelos ninguem póde resistir.

Este assumpto tem sido amplamente discutido e parece estabelecido, de vez. Até certa epoca, os escriptores portuguezes imbuidos na leitura dos classicos, davam-nos um estylo arredondado e convencional, que, se era sonoro, nem sempre representava a ideia com vigor e colorido.

Ramalho Ortigão rompeu com essas tradições e tratou de descrever as cousas como ellas o impressionavam, acontecendo que quem o lia, parecia assistir ao facto, tão vivas e palpitantes eram as narrações. O gallicismo, até então affastado com horror e com syncopes, foi admittido, trazendo o seu sabor acre de fructo prohibido e appetitoso, ás fórmas pesadas da litteratura chamada classica. Houve muitos protestos e até duellos, por causa d'essa ousadia, mas o que é certo, é que se a gente dormia, lendo outros escriptores, com a prosa de Ortigão não descançava sem chegar ao fim.

O methodo era bom, era verdadeiro e impoz-se.

As *Farpas* fizeram um successo tão grande, como as *Guepes* de Affonso Karr, em França.

Todos as leram e insensivelmente os escriptos dos contemporaneos, mesmo os dos escriptores feitos e consagrados, denotaram, desde essa epoca, uma tendencia para o colorido, para a simplicidade, para a graça, que muito tem concorrido para augmentar o gosto pela leitura.

Hoje, póde-se dizer que Ramalho Ortigão é um classico.

Essa parte das suas obras, que a casa Corazzi está reproduzindo, em uma esplendida edição, deve ser possuida por todos os que apreciam as bôas lettras.

D'esta brilhante publicação, temos os fasciculos 27, 28 e 29 que contêm não pequeno numero de primores.

—

As maravilhas da Penha pelo major J. J. Gomes da S. Netto.

—

Manual da Gymnastica escolar, pelo professor adjunto da 1.º escola de Santa Anna, Pedro Manoel Borges.

—

Novo Altas Universal da Infancia, publicado pelo Dr. Joaquim Maria de Lacerda, em duas edições, uma com um texto acompanhando as cartas e outra só composta de Mappas.

—

A Vontade, romance de Jorge Ohnet, traducção do conhecido litterato Visconti Coaracy.

—

A Illustracção, ns. 3, 4 e 5 do corrente anno. Muito bons.

—

O Inferno de Dante, luxuosa publicação em formato grande, ornada com admiraveis illustrações de Gustavo Doré.

E' uma das taes, obras, que, todos dizem, enriquecem uma bibliotheca.

—

O bacharel de Salamanca, por Lesage, traducção de Fernandes Costa.

—

O diabo amoroso, por Julio Cazotte, traducção de José Newton.

—

Os dramas d'Africa, grande romance por Leite Bastos, fasc. de n. 12 e 16.

—

Os Antros de Paris por Xavier de Montepin, fasciculo de n. 20 a 23.

—

Temos ainda recebido e agradecemos as seguintes publicações:

—

Florilegio de Romancetes, pela Exma. Srª. D. Thereza Pizarro Filha. E' um livrinho muito sympathico e que proporciona agradabilisima leitura.

—

A quéda de um anjo, por Camillo Castello Branco, fascs. 7 e 8. Como os antecedentes, um modelo de linguagem castiça e colorida.

—

Almanack do Vassourense, 2.º anno. Desejamos-lhe varias cifras, adiante do algarismo que marca a sua idade.

—

O Lucas, poesia comica do Dr. Oscar Pederneiras. Espirituosa.

J. V.

COLLECÇÕES COMPLETAS

DA

REVISTA ILLUSTRADA

Aos nossos assignantes que desejarem possuir a collecção da «Revista Illustrada,» 12 volumes, contendo a historia dos principaes acontecimentos do Brazil, participamos que a poderão obter em condições vantajosas, mediante o abatimento de 40 % sobre o preço das assignaturas.

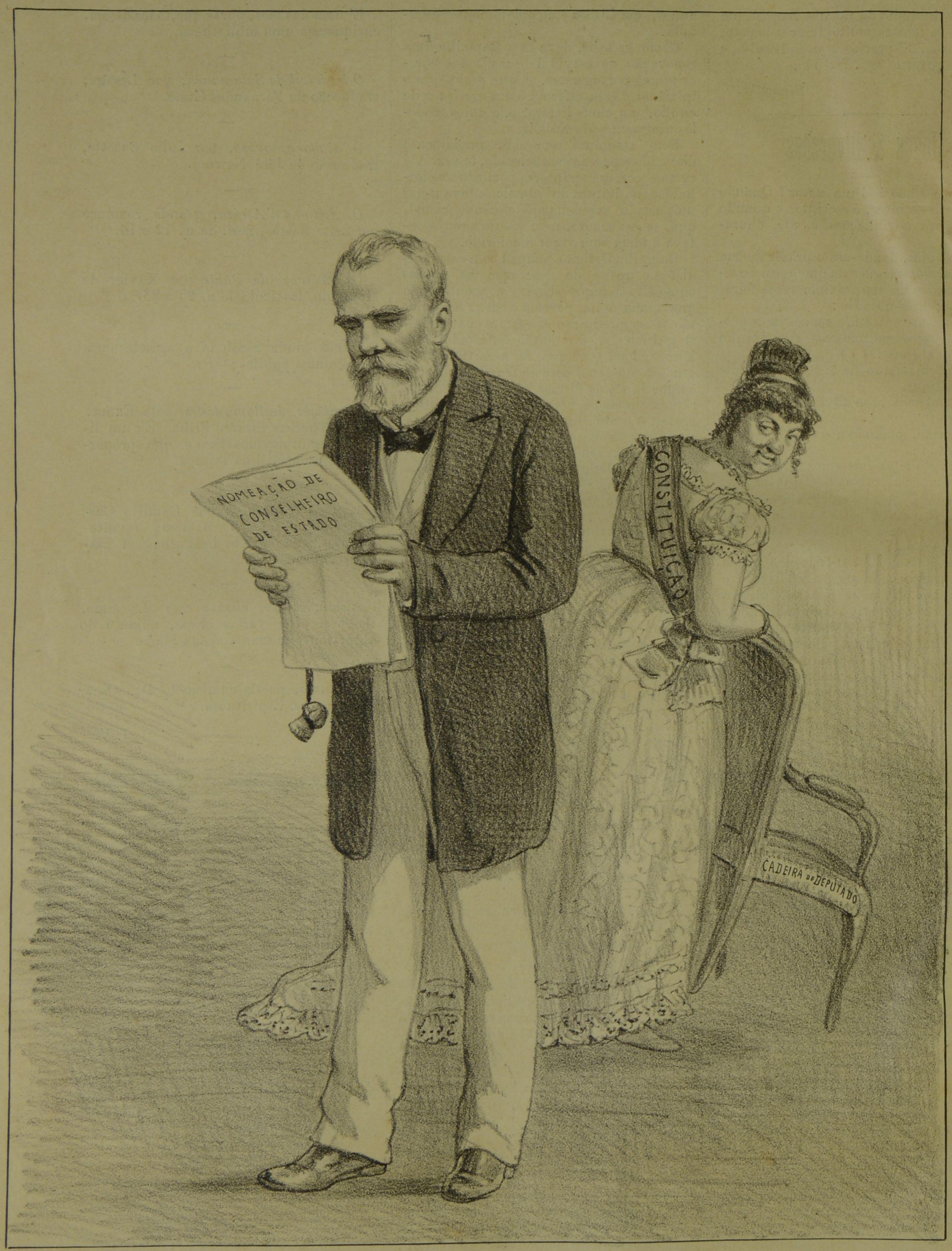
As outras pessoas que tiverem o mesmo desejo, poderão adquirir esse archivo illustrado dos factos principaes dos ultimos 12 annos, com o abatimento de 20 %.

Afim, porem, de facilitar a aquisição das collecções e attendendo a que sempre é difficil despender, de uma só vez uma quantia importante, resolvemos aceitar pedidos para a venda de collecções, a prestações mensaes, sendo estas de 12$000 rs., para os nossos assignantes, e 15$400 para os que o não forem.

Tanto a uns como a outros, rogamos que não se demorem, pois o numero de collecções completas, que a empreza possue, é limitado, e os pedidos não cessam.

A ADMINISTRAÇÃO.

Typ. de J. BARBOSA &C. r. da Ajuda 31



— Aquelle Vianna é dos diabos! Que boa rolha elle me arranjou...